

HUGO MONTEIRO¹

ETHOS DA ESCRITA: O LIMIAR ENSAÍSTICO DE EDUARDO LOURENÇO

Ethos of writing: Eduardo Lourenço's essayistic liminality

Abstract

This essay focuses on Eduardo Lourenço's thought as a fragmentary expression resulting from an "in-between", which is formulated early on in his work as a kind of oscillatory state: between disciplinary strongholds; between writing styles and conventions; between Philosophy and Literature. The suspensive effect of this "being between" is proposed here as one of Eduardo Lourenço's philosophical signatures, in a style that, being unrepeatable, places his philosophical-literary thought within the broader framework of contemporaneity.

Keywords: Philosophy; Literature; Limiar; Essay.

Resumo

Esta reflexão incide sobre o pensamento de Eduardo Lourenço enquanto expressão fragmentária decorrente de um "entre", que desde cedo se formula na sua obra como uma espécie de estado oscilatório: entre redutos disciplinares; entre estilos e convenções

¹ Instituto de Filosofia – Universidade do Porto, Via Panorâmica, 4150-564 Porto, Portugal; ESE, Politécnico do Porto, Rua Dr. Roberto Frias, 4200-465 Porto, Portugal. ORCID ID: 0000-0003-3924-497X.

de escrita; entre Filosofia e Literatura. O efeito suspensivo deste “estar entre” é aqui proposto como uma das assinaturas filosóficas de Eduardo Lourenço, num estilo que, sendo irrepetível, situa o seu pensamento filosófico-literário no quadro mais vasto da contemporaneidade.

Palavras-Chave: Filosofia; Literatura; Limiar; Ensaio.

Numa primeira definição de «heterodoxia», sob a invocação mitológica da serpente de Migdar, o jovem Eduardo Lourenço descreve a atitude que cunharia a sua identidade ensaística como «paixão circular da vida por si mesma»². Assim se lança o primeiro ímpeto de um conceito revisitado em muitos momentos da vida de Lourenço, na verdade um *ethos* brilhantemente intuído desde o início do seu percurso intelectual e que lhe é, por hipótese, transversal: a circularidade de uma paixão deambulatória, que a cada passo se desenvolveu como uma laboriosa e inclassificável experiência de curiosidade, de atenção e de escrita. Esta paixão situa a oscilação da escrita no limiar do filosófico, do literário ou do poético.

Em «Da filosofia como literatura», título que poderia ser por si próprio um programa, Eduardo Lourenço assinala esta delicada relação discursiva como jogo de aproximações e de afastamentos, que descreve sob o signo de uma «estranha contaminação»³. Uma contaminação encantatória que é, talvez, um dos traços definidores do trabalho de Eduardo Lourenço, para quem Filosofia e Literatura constituem pontos de interrogação permanentes, com a palavra poética como abertura do tempo, invenção do tempo e reponderação do tempo. O ensaio – desígnio transversal dessa paixão deambulatória, que a cada passo se desenvolveu como laboriosa e inclassificável experiência de curiosidade e de atenção – é simultaneamente resposta, problematização e, acima de tudo, *ethos* da escrita. Nesta reflexão, pretendo mormente explorar a hipótese de uma *identidade ensaística* (por definição, *em construção*) que corporiza e formula uma ideia de *infinição hermenêutica* como forma de ler, habitar, reconfigurar e tomar palavra, num mundo que a obra de Eduardo Lourenço repensa e interpela por inteiro.

*

Trata-se de um texto seminal, tanto pela data da sua redação quanto pelo seu posicionamento, estratégico, na vida do filósofo em formação – *Eduardo Lourenço de Faria* –, como na obra do ensaísta, *Eduardo Lourenço*. Escrito parcialmente em 1946, como Dissertação de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e repescado, com

² E. Lourenço, «Prólogo sobre o espírito da heterodoxia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, ed. João Tiago Pedroso Lima, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, pp.31-35.

³ E. Lourenço, «Da filosofia como literatura (a antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., pp.493-501.

fundas modificações, para a primeiríssima edição de *Heterodoxias I* [1949]⁴, o ensaio «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica»⁵ é palco iniciático de um roteiro em gestação.

Já imbuído da emergência de uma heterodoxia, inscrita em movimento de «recusa de um só caminho válido para o espírito humano»⁶, o jovem Eduardo Lourenço discorre, neste texto, *contra* Hegel, acerca do *sentido da existência*. Em debate com o filósofo, o ensaísta assume a necessidade de preservação da *humanidade do conceito*, o que dependerá de uma resistência para com a rendição do discurso filosófico a uma logomaquia descarnada e sistémica.

No juízo crítico de Lourenço, a existência «não é «algo que está em» ou «que é isto ou aquilo», mas é *oscilação* entre o Ser de onde emerge, separando-se, e a objectividade das coisas»⁷. A *oscilação* é precisamente o que não permite a rigidez da estagnação, surgindo-nos aqui como uma verdadeira palavra-chave: designa um foco suspensivo ou o fremir de uma pergunta fundamental, que não obedece aos limites conceptuais de uma resposta fechada, definitiva e finalizada. Na versão publicada desta sua reflexão iniciática, Eduardo Lourenço recorre mesmo a uma expressão algo enigmática, onde o sentido de uma indefinição parece ganhar forma e assumir-se como centro do discurso. O jovem filósofo discorre sobre uma existência humana dividida entre «a imediatidade do mundo» e a transcendência, numa oscilação suspensiva digna de uma expressão colocada entre aspas: «a existência humana «está entre»»⁸.

Insistimos no poder descritivo desta preposição – «entre» –, quando, nas palavras do jovem filósofo, «a existência humana «está entre» a imediatidade do mundo *que nega* e a transcendência *que a nega*»⁹. A existência não se deixa cristalizar ou conter em limites que a fixem, o que sublinha uma evidência que ia fazendo caminho na génese e consolidação do percurso de Lourenço: um limiar, como marca de singularidade conducente ao território da fragmentação e da errância. Esse limiar, na verdade, é requerido pelo próprio ritmo do mundo, como pelo pulsar da contemporaneidade, à procura de uma escrita que a interroge e formule.

Dois sublinhados iniciais, dois limiares no *ethos* desta escrita – um deles emanando do texto; o outro gravitando tentadoramente nas suas imediações.

⁴ Cfr. E. Lourenço, *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, ed. João Tiago Pedroso Lima, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, p. 542.

⁵ E. Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., pp.67-125.

⁶ E. Lourenço, «Heterodoxia e liberdade», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., p. 186.

⁷ Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», p. 74, itálico nosso.

⁸ Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», op. cit., p.75.

⁹ Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», op. cit., p.75. Itálico meu.

- i. O primeiro sublinhado no modo como, desde o início, um discurso filosófico-poético deixa-se ensombrar pelos seus limites e busca contaminar-se pelo que não permite apropriação; e, dessa forma, o flagelo da plena apropriação nem por isso encontra alternativa na exposição ao excesso do desejo. Não deixamos de estar «entre».
- ii. Um segundo sublinhado nas imediações do texto, interrogando desde já o que viria a ser recorrente na escrita de Eduardo Lourenço: um «ou» conjuntivo muito presente nalguns dos seus títulos, assumindo principalmente uma função de equivalência declarativa. A versão publicada do texto que acabámos de citar: «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialética» é um dos exemplos, mas ele repete-se generosamente no percurso de Lourenço: «Europa *ou* o diálogo que nos falta»; «Orfeu *ou* a Poesia»; «O Irrealismo poético *ou* a poesia como mito»; ««Presença» *ou* a Contra-Revolução do Modernismo Português»... só para citar alguns destes títulos em conjunção. Em cada um deles, mesmo que não me atreva a dizer «em todos», este «Ou» é na verdade um «Como», ou uma hipótese fragmentada e de passagem, dando um halo ensaístico à própria configuração do título.

O alcance destes dois sublinhados estabelece a preponderância, muito pouco enunciativa, de um «entre» e de um «ou», que quase nos contorna o título: *Ethos* da escrita *ou* o elogio da fragmentação, maneira de dizer «A escrita como *ethos*: *entre* Filosofia e Literatura». Este posicionamento crítico, pleno de contemporaneidade, adquire uma configuração singular, constituindo-se como uma das assinaturas de Eduardo Lourenço. Trata-se de uma espécie de desenraizamento, que progressivamente se assumirá como uma forma de estar no pensamento. O *ethos* de escrita, em Eduardo Lourenço, vive numa espécie de forma limiar, com o ensaio como uma das irradiações óbvias e coerentes dessa postura de limite. O ensaio é o tempo, a interrogação do tempo e a resposta do tempo em Eduardo Lourenço. É a mais direta tradução dessa escrita, que esvoaça interrogativamente *por entre* as coisas, sem que se solidifique em disciplinas e sem que se instale em ortodoxias.

Ethos e heterodoxia

No ano de 1946 (isto é, no ano preciso em que Eduardo Lourenço apresenta publicamente a sua dissertação de Licenciatura), Martin Heidegger publica a sua célebre *Carta sobre o Humanismo*¹⁰. Neste texto, encruzilhada filosófica verdadeiramente central para o filosofar contemporâneo e suas vizinhanças, Heidegger debate-se com o processo histórico de especialização como interior à configuração da Filosofia

¹⁰ M. Heidegger, «Lettre sur l'humanisme», in *Questions III et IV*, Gallimard, Paris 1996, pp. 65–127.

enquanto disciplina.

Respondendo a um «jovem amigo»¹¹, que talvez seja uma simples materialização ficcionada do seu próprio tempo, Heidegger advoga por uma sucessão de recuos face ao que entende ser o processo de especialização do discurso ético. O filósofo apela a um regresso ao *ethos* arqui-originário, ainda não docilizado pelas imposições epistémicas, ainda sem a interferência domesticadora nem da escola platónica, nem sequer do desvio introduzido pela meditação da ação motivada pela «excelência ética», na derivação de Aristóteles¹². Para antecipar, nesse recuo, a instalação definitiva do helénico *ethos* na sua aceção estritamente normativa, que a língua latina fixou definitivamente em «*mores*», torna-se imperativo combater esta deterioração conceptual através da afirmação da radicalidade do sentido de *ethos* como *morada*, como *permanência* e como *habitação*. O recuo ao *ethos* originário significa vincular novamente a palavra à pergunta pelo sentido do Ser¹³ que, para Heidegger, resguarda o sentido originário do habitar, alguns anos mais tarde associado à poeticidade como forma humana de habitação autêntica¹⁴.

Sublinhamos não se tratar só, face ao que aqui nos convoca, de reconhecer a nova e expandida dotação de significado de um termo filosófico, consoante ele seja mais ou menos investido de uma respiração ontológica, reinante na hermenêutica de Heidegger. Trata-se principalmente de deslindar esse momento de encruzilhada no qual Heidegger, ao subtrair o *ethos* do agir praxístico, acaba por formular uma desconfiança perante o poder da subjetividade, perante o poder da razão e do sujeito, que o apelo do tempo ainda exigia, no vigor das suas urgências, quando tanto se insistia no gesto ético-filosófico do «não»¹⁵. O «não», a negação, a virtude crítica da décima musa representava, para Heidegger, a soberania de uma consciência, ou a rigidez de um sujeito que se propõe a enfrentar os designados «males do tempo». Como se o *ethos* do tempo ditasse a urgência de um «não», incitasse ao requerimento de um não e predispusse para a postura (mais moral do que ética) desse «não».

Quando, em célebre e difícil exigência, a *Carta sobre o Humanismo* se volta para a «penúria atual do mundo», sugerindo «menos filosofia e mais atenção ao pensamento; menos literatura e mais cuidado com a palavra enquanto tal», reinscreve-se a tarefa de uma radicalidade de um *ethos*, mas também da declarada insuficiência da simples atitude de negação. Heidegger coloca a questão elevando-a como exigência do tempo, como *mais* pensamento e *menos* filosofia, inscrevendo entre o *mais* e o *menos* o que, do outro lado dos Alpes e ao mesmo tempo, o jovem Eduardo Lourenço interrogava

¹¹ M. Heidegger, «Lettre sur l'humanisme», op. cit., p.114.

¹² Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, trad. António Castro Caeiro, Quetzal, Lisboa 2004, Liv. I, IX, 1100b1 (p.34).

^{13M.} Heidegger, «Lettre sur l'humanisme», op. cit., p.116.

¹⁴ M. Heidegger, «'...L'homme habite en poète...'», in *Essais et Conférences*, Gallimard, Paris 1997, pp.224-45.

¹⁵ H. Monteiro, «A décima musa. Notas para uma Filosofia do Não», in M.F. Lambert – H.Monteiro – M. Freitas (eds), *Musas em Ação, II – Espessuras da (in)visibilidade*, U.Porto Press, Porto 2024, pp.289-301.

a partir de uma meditação naturalmente debruçada sobre *o equívoco da dialética*. Novamente um «não» à espreita? Um «não» que, nas encruzilhadas do tempo de Lourenço, do tempo para Lourenço, exigiam às imposições polarizadas e estanques da *doxa* a força de uma outra *doxa*, de uma alternativa à ortodoxia – talvez até uma heterodoxia como ethos do tempo em Eduardo Lourenço?

Limiares

Ethos do tempo. Ou, heideggerianamente, a sua morada; a sua dádiva em interrogação genésica: que tempo há neste tempo? E que «não» se possibilita ou se impõe às escolhas deste tempo? Que «não» se possibilita ou se impõe sem que caia sob os escolhos da técnica, sob os polos de uma dialética ou sob a soberania do sujeito? Como deixar que o tempo se redefina, ao nunca escolhido ritmo da sua própria escrita – da sua própria inteligência? Que «não» se precipita na encruzilhada da história? Que «não» consegue impor-se, sem entrincheiramento – na decisão, no «ego», na «doxa»?

Florescer intelectualmente nos anos 40, em Portugal, é formar-se no tempo histórico de uma encruzilhada onde, como já aqui sugerimos, as facetas, vertentes ou obrigações de um «não» assumiam-se como uma questão cultural com múltiplas frentes, perante as quais as respostas de Lourenço se mantinham rebeldes¹⁶. Impunha-se um «não» às raízes católicas, aguçado pelos preceitos materialistas do neo-realismo, mas também um «não» desinstalado do sossego da *doxa* ou do que, na sua ironia, Pascoaes já havia apelidado de «bronquite catedrática», como certamente um «não» ao untuoso conservadorismo do Portugal do Estado Novo. E amadurecia um «não» vagabundo, derivativo, em breve mais próximo do *ethos* anti-humanista de Heidegger, mas nem isso – um «não» que, na verdade, pontua e fragmenta cada tentação de cristalização de apenas um percurso ou de apenas um discurso.

Ele vai exigir uma forma nova que é, na verdade, um «entre»: *nem* uma coisa *nem* outra; uma *heterodoxia*, ou *doxa* diferente, coerentemente *nem filosofia nem literatura*. Tratar-se-á, na verdade, de uma outra inteligibilidade ou de um outro olhar interpretativo – de uma outra inteligência. Aproximamo-nos do limiar ensaístico, ou do ensaio como limiar.

Destroços

O limiar deste «entre», marca de uma irresolução que já tive ocasião de

¹⁶ M. M. Baptista, *Eduardo Lourenço. A Paixão de compreender*, Asa, Porto 2003, p.36.

desenvolver por outras paragens¹⁷, viria a constituir-se como uma quase assinatura do ensaísta, mas começa por suscitar, ao filósofo em formação, a alusão a duas personagens míticas. São elas Midas e Semele. Escreve Eduardo Lourenço:

Midas ou o mais radical dos desejos humanos, o da posse sob todas as formas, encontra finalmente ocasião de existir na maneira que se pensou. Pode converter tudo em ouro. Mas, então, o desejo satisfeito cresce sobre si mesmo demoniacamente e Midas experimenta o tormento humano de não ter limites como a divindade. Semele, a amada de Zeus, a que não pode viver sem ver a sua face, pede-lhe que se mostre, mas a presença do deus queima a sua fragilidade de criatura¹⁸.

A tensa permanência na indecisão brota desta narrativa, onde tanto a vontade de poder como o acesso sem mediação ao que se deseja são formas denunciadas de uma ambição impossível. *Entre* posse e privação, Midas e Semele são a dupla face da existência, na perspetiva do idealismo absoluto¹⁹, numa abordagem filosófica que não permite lidar com uma unidade inacessível, com a fragmentação da temporalidade, ou com a pulverização *do sentido* na multiplicidade *dos sentidos*.

Esta talvez seja uma das portas de entrada para a inclinação [clinamen] ensaística, evidência cada vez maior para o que se poderia caracterizar como uma outra inteligibilidade *do* tempo, que requer uma outra inteligibilidade *no* tempo. Em «Ísis ou a inteligência»²⁰, curto texto que subentende Ísis *como* inteligência, Eduardo Lourenço elabora aquela que poderia ser uma síntese perfeita para esse enquadramento temporal, onde a divindade egípcia personifica «a missão divina de caminhar sozinha através da noite para fazer da seara cintilante das estrelas o corpo único do seu esposo ressuscitado, Osíris, o sol brilhante»; e remata o escritor: «Assim procede a inteligência»²¹.

O jovem leitor infiel de Hegel, concebendo a inteligência como trabalho noturno, vai descrevê-la como a procura que resta quando se perde a luz da verdade, pelo que «todo o destino humano é destino de Ísis»²². Sublinhe-se, não apenas uma Noite como «face negativa», que quase define a vocação da inteligência, mas luz em farrapos, em fragmentos, em matizes; noite cuja cartografia secreta espera *uma* ordenação inteligente. *Uma* ordenação, não *a* ordenação – e sempre fragmentária. Esse não será o mais pequeno dos motivos para que a forma ensaística seja também uma espécie de

¹⁷ H. Monteiro, «O ensaio como irresolução. Contemporaneidades de Eduardo Lourenço», *Agora: Papeles de Filosofia* 43, n.º 2 (2024). <https://doi.org/https://doi.org/10.15304/ag.43.2.9058>.

¹⁸ Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», op. cit., p.75.

¹⁹ Cfr. Lourenço, «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», op. cit., pp.75-76.

²⁰ E. Lourenço, «Ísis ou a inteligência», *Relâmpago*, 4, no. 22 (2008) 27–29.

²¹ E. Lourenço, «Ísis ou a inteligência», art. cit., p.27.

²² E. Lourenço, «Ísis ou a inteligência», art. cit., pp.27-28.

correlato de um sentido aos pedaços. A unidade estilhaçada, evidente desde muito cedo, requer uma escrita que habite o espaço limiar do desconhecido, que Michel de Montaigne batizou, permitindo-se denunciar a universalidade como ficção²³.

O ensaio é, para Lourenço, a ordenação pontual de um sentido aos pedaços, ante a perda irremediável da sua unidade modelar. Desde o primeiro momento, isto é, desde o «Prólogo» que introduziria o «espírito da Heterodoxia» como conceito motriz em Lourenço, desenha-se a evidência de um tempo flagelado, na sua ilusão de contínua unidade, e de uma «realidade dividida»²⁴, que tratará de formular-se e manifestar-se em muitos dos tempos de Eduardo Lourenço. Da «desolada síntese» pessoana – «*destroços... destroços... destroços...*»²⁵ – até à terrível sentença de abertura de «Escrita e Morte»: «Uma parte da nossa geração não se viveu enquanto se ia vivendo»²⁶ – há uma continuidade agredida, um «nã» limiar a ensombrar a marcha das linearidades. E a primeira rutura, a primeira unidade de fragmentação, é justamente a do tempo. Esse tempo que deixou de ser linear, que surge contemporaneamente em fraturas, descontinuidades e em intermitências, ao ritmo do instante e ao sabor do instantâneo. Em excuro *sobre o tempo*, e mergulhando a determinada altura no fio da história, é em Petrarca que Lourenço identifica uma primeira manifestação da crise do tempo como eternidade, lençol modelar do tempo em que Santo Agostinho seria, talvez, o maior dos pontífices. A unidade salvífica do tempo de Deus vai dando lugar à angústia do tempo humano, sendo Petrarca o primeiro poeta de tradição católica a aperceber-se disso²⁷. Essa intuição ajuda a fundar o Renascimento, com o petrarquismo e Camões a traduzirem poeticamente um sentido trágico do mundo, apenas comparável ao que se projetaria, na sua plena expressão, na grande poesia do século XIX²⁸.

Em «Da permanência no mundo do espírito»²⁹, muitos anos antes, Eduardo Lourenço tinha já falado do *instante* como desarticulador essencial da unidade do tempo. Na «irreduzível qualidade do momento»³⁰ que, na sua exigência, exprime

²³ Cfr., E. Lourenço, «Montaigne ou la vie écrite», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., pp.463–75.

²⁴ E. Lourenço, «Prólogo sobre o espírito da heterodoxia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., p.35.

²⁵ E. Lourenço, «Nós só existimos no espelho dos outros», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, IV - Tempo Brasileiro: Fascínio e Miragem*, ed. Maria de Lourdes Soares, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2018, p.221.

²⁶ E. Lourenço, «Escrita e morte», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., p.379.

²⁷ E. Lourenço, «Sobre o tempo», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016., p.306

²⁸ E. Lourenço, «Sobre o tempo», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p.307.

²⁹ E. Lourenço, «Da permanência no mundo do espírito», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op.cit., 51–65.

³⁰ E. Lourenço, «Da permanência no mundo do espírito», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op.cit., p.59.

a temporalidade como escala humana do tempo³¹, urde-se a necessidade de um outro ritmo, de uma outra medida... de um limiar ensaístico. Retoma a questão em «Tempo e poesia», mas intensifica-a: só o «banal instante» se retira da imaginada substância do tempo, porque, na verdade, o instante é uma espécie de transitoriedade interminável, «cujo impensável nome é Sempre»³².

Sempre a descontinuidade do tempo e sempre a descontinuidade do mundo. Em passos descritivos de grande mestria, Eduardo Lourenço leva a cabo, a certo ponto, uma espécie de fenomenologia do tempo de Orpheu, assinalando a intenção quase fílmica de trazer à impressão uma sucessão de «coisas» e de «estados» – «uma multidão de *coisas* ou de *estados*» – experimentados universalmente como *passagens*. A singularidade de Orpheu passaria por ter anulado o efeito de espelhamento poético dessa sucessão – o espelho anula-se, ficando apenas a tal sucessão e, com ela e na aproximação de Pessoa, a «grande mágoa de todas as coisas serem bocados».

Ainda a fragmentação do lençol do tempo, ainda a fragmentação, ainda a luz em farrapos e a obrigação ensaística... ainda um *ethos da escrita*.

Da poesia pensante

Ethos da escrita ou... desarticulação desmedida. Assumamos definitivamente o regime desta conjunção, prolongando-a atrevidamente em Esfinge *como* poesia³³. Aqui, a realidade esculpida em segredo – *ou* a natureza esfíngica da realidade – formula-se como um *entre* que se é, onde se está. Um *entre* que assume uma ambiguidade difícil, que é a de identificar a experiência humana do tempo como face recortada de um mistério que nunca se olha de frente, na zona sem superação que é a da vida no tempo. Escreve Lourenço:

No espírito do seu criador, a Esfinge é uma resposta. A poesia é expressão de origens. Solicitado pela noite animal e a plenitude solar, um poeta talhou na rocha uma forma visível da sua condição. Compreender a Esfinge, compreender a poesia é olhá-la sem a tentação de lhe perguntar nada. É aceitar o núcleo de silêncio donde todas as formas se destacam³⁴.

³¹ E. Lourenço, «Da permanência no mundo do espírito», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op.cit., 65.

³² Eduardo Lourenço, «Tempo e Poesia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p.73.

³³ E. Lourenço, «Esfinge ou a poesia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., pp.69–72.

³⁴ E. Lourenço, «Esfinge ou a poesia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p. 70.

Tempo aos pedaços, o limiar ensaístico marca esse silêncio que a Esfinge monumentaliza e que, noutra lugar, é o tempo como «ininvocável»³⁵, que só a poesia transporta. E é em estado de perda que, poeticamente – e só poeticamente – se abre realmente a porta ao problema do tempo. O *ethos* da escrita convoca a impossibilidade do contínuo do tempo, tal como se constrói a partir da irredutibilidade da realidade literária como expressão dessa descontinuidade. Essa irredutibilidade tem a poesia como morada preferencial, quando uma realidade literária, «heterogénea à afirmação», como reforça Lourenço, implica também a anulação da consciência soberana do «não», da suspensão do juízo de valor e, claro está, com repercussão evidente no conceito de «crítica literária». A «função poética» atravessa necessariamente toda a possibilidade do «falar sobre», que recua ante um *ethos* da escrita instituído a partir da dimensão autotélica do poema, ou eco do pleno dizer da poesia³⁶. Só a poesia aspira à nomeação total da realidade, sem mediação, mas só a poesia é recriadora do tempo, no exato instante em que se eleva a sua furiosa testemunha. Enquanto ensaísta, Eduardo Lourenço entregou-se necessariamente a responder ao tempo e ao seu tempo, sem enjeitar a vigilante silhueta do poema que o formula. Enquanto poeta da filosofia, como em tão boa companhia afirma Celeste Natário³⁷, Lourenço dedica-se a «apagar uma distinção ao mesmo tempo escolar e escolástica entre criação literária e crítica, entre filosofia e poesia»³⁸.

Apológia do desinstituído

Repare-se, no entanto, que a escrita – esta, aposta ao que designamos por *ethos* da escrita – não se diz necessariamente *nem* filosofia, *nem* literatura. Poderia ser, ou talvez seja, um artifício retórico para evitar a questão ou, vagamente, uma hipótese sujeita aos escolhos da crítica. Talvez as duas, que na verdade não se excluem totalmente uma à outra. A escrita, *não sendo nem filosofia nem literatura*, poderia corresponder de alguma maneira, enquanto palavra ou quase-conceito, ao *nem... nem...* que julgamos ler *na própria heterodoxia* e na sua respetiva tradução ensaística em Eduardo Lourenço.

Em «Da filosofia como literatura»³⁹, é o pensador português que sublinha a

³⁵ E. Lourenço, «Sobre o tempo», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p.305.

³⁶ E. Lourenço, «Crítica e metacrítica. Balizas para um itinerário sem elas», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p.65.

³⁷ C. Natário, «Eduardo Lourenço: um poeta da filosofia», *Agora. Papeles de Filosofia*, 42, nº2 (2023), <https://doi.org/10.15304/ag.42.2.8228>

³⁸ E. Lourenço, «Crítica e metacrítica. Balizas para um itinerário sem elas», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, op. cit., p. 66

³⁹ E. Lourenço, «Da filosofia como literatura (a antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., pp.493–501.

essência literária do discurso filosófico, que talvez conduza menos ao território perigoso e redutor das identificações do que a uma bem mais interessante reafirmação heterodoxa. É que o texto inicia com a lúdica sugestão de uma quase-profecia, segundo a qual «virá um dia em que a caoticidade intrínseca a todo o acto de imaginação subverterá a ideia mesma da Verdade»; entraremos, então, no labirinto «sem rei, nem lei» de uma palavra, que Lourenço coloca pontualmente entre aspas: «Literatura»⁴⁰.

Tudo nos interessa, aqui, mas comecemos por esta apologia do desinstituído que, em última análise, não é Filosofia, mas não é também essa instituição relativamente recente na história da cultura que dá pelo nome de «Literatura». O que não se institui, o que *não tem rei nem lei*, o labirinto da caoticidade da imaginação, cuja entrada é irrecusável, não é filosofia nem literatura: *Nem... Nem...*

Reconhecendo-se, muito de passagem, em Heidegger, tanto na proximidade da palavra poética como do reconhecimento da separação desses dois cumes – literário e filosófico – que se entreolham, a conclusão de Lourenço é, ao mesmo tempo, explícita e reticente, adotando o conveniente exemplo de Nietzsche para deixar em suspensão estratégica qualquer tipo de resolução definitiva: «nem uma coisa nem outra»⁴¹.

Coda

Permitamo-nos a uma digressão conclusiva, forma de adiar o desfecho de um gesto de homenagem e de reconhecimento para com uma das vozes mais singulares do pensamento contemporâneo.

Eduardo Lourenço, enquadrável numa constelação de pensadores pouco categorizáveis, que quase definem a contemporaneidade, dá azo a movimentos de leitura avessos à linearidade de um rumo, mas afoitos à aventura da deambulação. A exposição leitora à deriva ensaística encoraja, sem surpresa, o prolongamento da derivação, convocando novos encontros e trilhos pouco antecipáveis.

Em curiosa incursão pelos caminhos da Retórica, é o filósofo italiano Giorgio Agamben que nos propõe uma reapropriação clássica do que, para designar um processo de separação entre o canto e a palavra – «entre *melos* e *logos*»⁴² –, se entende por «paródia». Tratar-se-ia da palavra para designar um afastamento, uma prática de dissonância que atravessa a regularidade de um ritmo: «*para ten oden*, contra o canto (ou ao lado do canto)»⁴³.

Tratando-se de um recurso estilístico destinado a introduzir um fator cómico

⁴⁰ E. Lourenço, «Da filosofia como literatura (a antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., p.493.

⁴¹ E. Lourenço, «Da filosofia como literatura (a antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, op. cit., p.501.

⁴² G. Agamben, *Profanações*, trad. Luísa Feijó, Cotovia, Lisboa 2006, p.54.

⁴³ G. Agamben, *Profanações*, op. cit., p.55.

ou caricatural, o que na verdade se destaca é um exercício de afirmação de liberdade, de um gesto de libertação, a contracorrente com a seriedade dos rapsodos. Agamben assume, a partir daqui, formatos diversos deste sujeito paródico – do mistério como face do que não é narrável, passando pelo estilo de Nietzsche ou pela relação discursiva com a transcendência⁴⁴. Em cada um destes formatos assume-se, na *paródia*, uma forma particular de relação com o real, que atravessa o espaço literário sem que caiba na «ficção» e sem que se enleie em qualquer intenção de natureza figurativa. Quando se responde, através da textura da paródia, ao «como se» da ficção, verificamos que a paródia se encontra «obstinadamente estendida entre realidade e ficção, entre a palavra e a coisa»⁴⁵.

Neste «entre» paródico retomamos o *ethos* ensaístico de Eduardo Lourenço, ao mesmo tempo que nos encontramos com o que Agamben designa por «vocação metafísica da paródia». O espaço paródico é o «entre» da literatura, subsistindo fora da ontologia (aqui entendida como *relação entre linguagem e mundo*) enquanto *dissonância*, ou *desarticulação*:

Se a ontologia é a relação – mais ou menos feliz – entre linguagem e mundo, a paródia, enquanto para-ontologia, exprime a impossibilidade que a língua tem de atingir a coisa e a impossibilidade da coisa encontrar o seu nome. O seu espaço – a literatura – está, pois, necessária e teologicamente marcado pelo luto e pelo escárnio (como o da lógica do silêncio).⁴⁶

O *limiar ensaístico* de Eduardo Lourenço – na voracidade de escrita dimensionada pela sua curiosidade, como na amplitude temática do seu pensamento ensaístico – não permite confortáveis domesticações científico-técnicas, nem excessos de rotulagem classificatória. Enquanto *ethos* da escrita, talvez a sua razão ensaística se afirme, entre outras coisas, como vasta e consequente recusa do ato recorrente de se instituir desejos (de saber) ou de se reduzir a *paixão das letras* à aridez convencional das regras disciplinares.

Este é apenas um dos motivos pelos quais este pensamento, além de *parodiar* os limites da solução explicativa ou do esquematismo da razão analítica, retoma a sinuosidade do mundo, nas infinitas irradiações do seu interesse.

A razão ensaística – mergulho irrecusável no vazio da incerteza – é o gesto requerido pela inultrapassável opacidade do mundo.

⁴⁴ Cfr. G. Agamben, *Profanações*, op. cit., pp.56-68.

⁴⁵ G. Agamben, *Profanações*, op. cit., p.68.

⁴⁶ G. Agamben, *Profanações*, op. cit., pp.70-71.

Referências bibliográficas

- Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, trad. António Castro Caeiro, Quetzal, Lisboa 2004.
- Agamben, G., *Profanações*, trad. Luísa Feijó, Cotovia, Lisboa 2006.
- Baptista, M.M., – Cruzeiro M.M. – Castro, F., *Tempos de Eduardo Lourenço*. Contraponto, Lisboa 2023.
- *Eduardo Lourenço. A Paixão de compreender*, Asa, Porto 2003.
- Cruzeiro, M.M. *Eduardo Lourenço. O regresso do corifeu*. Notícias Editorial, Lisboa 1997.
- Heidegger, M., «Lettre sur l'humanisme», in *Questions III et IV*, Gallimard, Paris 1996, 65–127.
- «...L'homme habite en poète...», in *Essais et conférences*, Gallimard, Paris 1997, 224-245.
- Lourenço, E., «Ísis ou a inteligência», *Relâmpago*, 4, nº22 (2008), 27–29.
- «Prólogo sobre o espírito da heterodoxia», in J. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 31-35.
- «Da permanência no mundo do espírito», in J. T. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 51-65.
- «O segredo de Hegel ou o equívoco da dialéctica», in J. T. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 67-125.
- «Escrita e morte», in J. T. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 379-383.
- «Montaigne ou la vie écrite», in J. T. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 463-475.
- «Da filosofia como literatura (a antiga querela entre filosofia e poesia em Platão)», in J. T. P. Lima (ed.), *Obras Completas de Eduardo Lourenço, I - Heterodoxias*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, 493-501.
- «Crítica e metacrítica. Balizas para um itinerário sem elas», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, 57-66.
- «Esfinge ou a poesia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, 69-72.
- «Tempo e poesia», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, 73-76.
- «Sobre o tempo», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, III - Tempo e Poesia*, ed. Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, 303-308.
- «Nós só existimos no espelho dos outros», in *Obras Completas de Eduardo Lourenço, IV - Tempo Brasileiro: Fascínio e miragem*, ed. M. L. Soares, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2018, 221-223.
- Monteiro, H., «O ensaio como irresolução. Contemporaneidades de Eduardo Lourenço», *Agora: Papeles de Filosofia* 43, n.º 2 (2024). <https://doi.org/https://doi.org/10.15304/ag.43.2.9058>.
- «A décima musa. Notas para uma Filosofia do Não», in M.F. Lambert – H.Monteiro – M. Freitas (eds), *Musas em Ação, II – Espessuras da (in)visibilidade*, U.Porto Press, Porto 2024, pp.289-301.
- Natário, C., «Eduardo Lourenço: um poeta da filosofia», *Agora. Papeles de Filosofia*, 42, nº2 (2023). <https://doi.org/10.15304/ag.42.2.8228>
- Ribeiro, M. C. – Vecchi, R., *Eduardo Lourenço. Uma geopolítica do pensamento*. Afrontamento, Porto 2023.